

RESGATE NA MONTANHA ASSAS



Preso numa das montanhas mais altas do mundo, o alpinista **Tomaz Humar** ficou frente a frente com a morte. Mas dois pilotos do Exército arriscaram tudo para salvá-lo.

POR JOHN DYSON

SINIA



TCHAC! CERCADO pela neve, Tomaz Humar cravou dois martelos de gelo na face congelada da montanha e, com esforço, subiu mais 25 centímetros.

Debaixo de sua bota com *crampons*, um pedaço de pedra e gelo se despreendeu e caiu: uma queda de quase três quilômetros. Acima, faltavam mais uns dois quilômetros a escalar.

Herói nacional na Eslovênia, sua terra natal, Humar tentava escalar sozinho o paredão vertical mais alto do mundo. Por causa de tantas mortes nos seus 8.125 metros, o Nanga Parbat, no Himalaia, passou a ser conhecido como “a Montanha Assassina”.

Mas, na tarde de 3 de agosto de 2005, terceiro dia da escalada de Humar, um estrondo ensurdecedor o pegou desprevenido, enquanto pedras, neve e gelo caíam sobre ele.

No lugar das condições adversas previstas, uma fresca monção derreteria o gelo. Com avalanches descendo a pequenos intervalos, Humar não agüentaria muito tempo ali; precisava encontrar abrigo.

Avançando lentamente pela parede de gelo, alcançou uma estreita fenda vertical na neve. Com uma picareta, cavou um buraco um pouco menor do que um caixão, fixou uma corda de segurança no gelo do fundo da fenda, amarrou-a aos equipamentos no corpo e se agachou.

Aos 36 anos, sua experiência lhe dizia que, se se limitasse a uma refeição por dia – uma barra energética, uma fatia de presunto enrolada em um cubo de gelo e uma pequena xícara de sopa a cada dois dias –, poderia agüen-

tar dez dias. Mas, ainda que as condições melhorassem, estaria muito fraco para descer. Por ora, no entanto, parecia seguro.

Usando um telefone por satélite, ligado ao acampamento-base, Humar passou a contatar seus amigos por todo o mundo, implorando ajuda. As chances do alpinista eram desanimadoras. Nazir Sabir, do Clube de Alpinismo do Paquistão, foi realista: “Você está muito alto para ser resgatado por um helicóptero. É descer ou morrer.”

TARDE DA NOITE do dia 8 de agosto, em casa com a mulher e os quatro filhos, na base aérea do Exército em Rawalpindi, o tenente-coronel Rashid Ullah Baig recebeu uma ligação inesperada do seu comandante de grupamento.

Era a quinta noite de Humar na fenda e a oitava na montanha. As ordens tinham vindo diretamente do presidente do Paquistão, Pervez Musharraf: “Tragam o homem para baixo”, disse o comandante. “Agora se trata de uma missão militar.”

Com 40 anos, e no comando de um esquadrão de helicópteros que executava missões a grandes altitudes na fronteira com a Índia, Rashid não podia negar os fatos: nunca haviam tentado um resgate alçando alguém, ou utilizando uma corda suspensa abaixo de um helicóptero, em tamanha altitude. Mas ordens eram ordens, e Rashid, um piloto otimista, daria o melhor de si.

No dia seguinte, o paredão do Nanga Parbat agigantava-se para Rashid enquanto ele pousava seu pequeno helicóptero Lama no campo, onde a



(Acima) Tomaz Humar treinando antes de escalar o Nanga Parbat; (à direita) preso a três quilômetros de altura na face congelada da montanha, ele tinha pouca chance de sobreviver.



expedição montara o acampamento-base. Para co-piloto, Rashid escolhera o major Khalid Amir Rana, 39 anos, um velho amigo e seu oficial de operações.

Os pilotos logo entenderam que as chances eram mínimas. Na altitude em que Humar estava (6.300 metros), o ar era tão rarefeito que as hélices do rotor poderiam falhar. Só a flutuação já exigiria força máxima do helicóptero, deixando-o sem reservas para içar o alpinista da montanha.

Estudando fotos da posição de Humar tiradas por um helicóptero civil, Rashid e Khalid concluíram que a situação era ainda pior do que tinham imaginado. O paredão congelado era quase vertical. Com as hélices se projetando 5,5 metros para além do corpo

do helicóptero, como eles se aproximariam o suficiente para, pelo menos, lançar uma corda? E diretamente acima de Humar havia um monte de neve prestes a desabar. A vibração das hélices, ou até o barulho do rotor, poderia deslocá-lo a qualquer instante, e bastaria que uma pequena quantidade de neve atingisse as pás para que o helicóptero despencasse.

– Quais são as chances? – perguntou Anda Perdan, chefe da expedição.

– Em torno de 10% – disse Rashid, que secretamente pensava serem menos de 1%.

Os pilotos começaram a preparar o helicóptero, esvaziando os bancos traseiros, ajustando o rádio, mochilas e esquis; e, após acionarem os motores,

seria preciso remover as baterias. Na parte inferior do Lama, amarraram a um gancho a extremidade de uma corda de alpinismo de 12,5 metros e, na outra ponta, um saco cheio de pedras, para manter o equilíbrio durante a turbulência.

ALES KOZELJ, integrante da expedição, contatava Humar pelo rádio e resumia as instruções fornecidas pelos pilotos. A única chance do alpinista era esticar-se para agarrar a corda com a pre-silha, atá-la ao seu equipamento e, depois, cortar a corda de segurança que o prendia à parede de gelo.

“Depois que você der um sinal de aprovação para o helicóptero, vamos içá-lo”, completou Kozelj, fazendo tudo parecer fácil.

ERAM QUATRO DA TARDE quando o céu abriu, e o Lama decolou com a corda e o saco de pedras balançando logo abaixo. Mas desceu um nevoeiro, tornando impossível a tentativa de resgate. “Nada feito”, disse Rashid. “A missão está abortada.”

Ele aproveitou a oportunidade para testar o helicóptero. O vôo na altitude em que Humar estava consumia até 99% da força do motor. Levantar os 72 quilos do alpinista exigiria cerca de 5% a mais. Onde encontrar a força extra?

Rashid teve uma idéia. Criado nas montanhas de Hunza, ele sabia que, algumas horas depois do amanhecer, o ar subia pelas laterais das montanhas. Esse vento “anabático” poderia dar ao helicóptero a força extra ne-

cessária para içar o alpinista e salvá-lo. “Se começarmos cedo e as condições estiverem favoráveis, poderá ser a solução”, disse.

Enquanto permaneciam no acampamento, os pilotos perceberam como Humar era amado e respeitado por sua equipe.

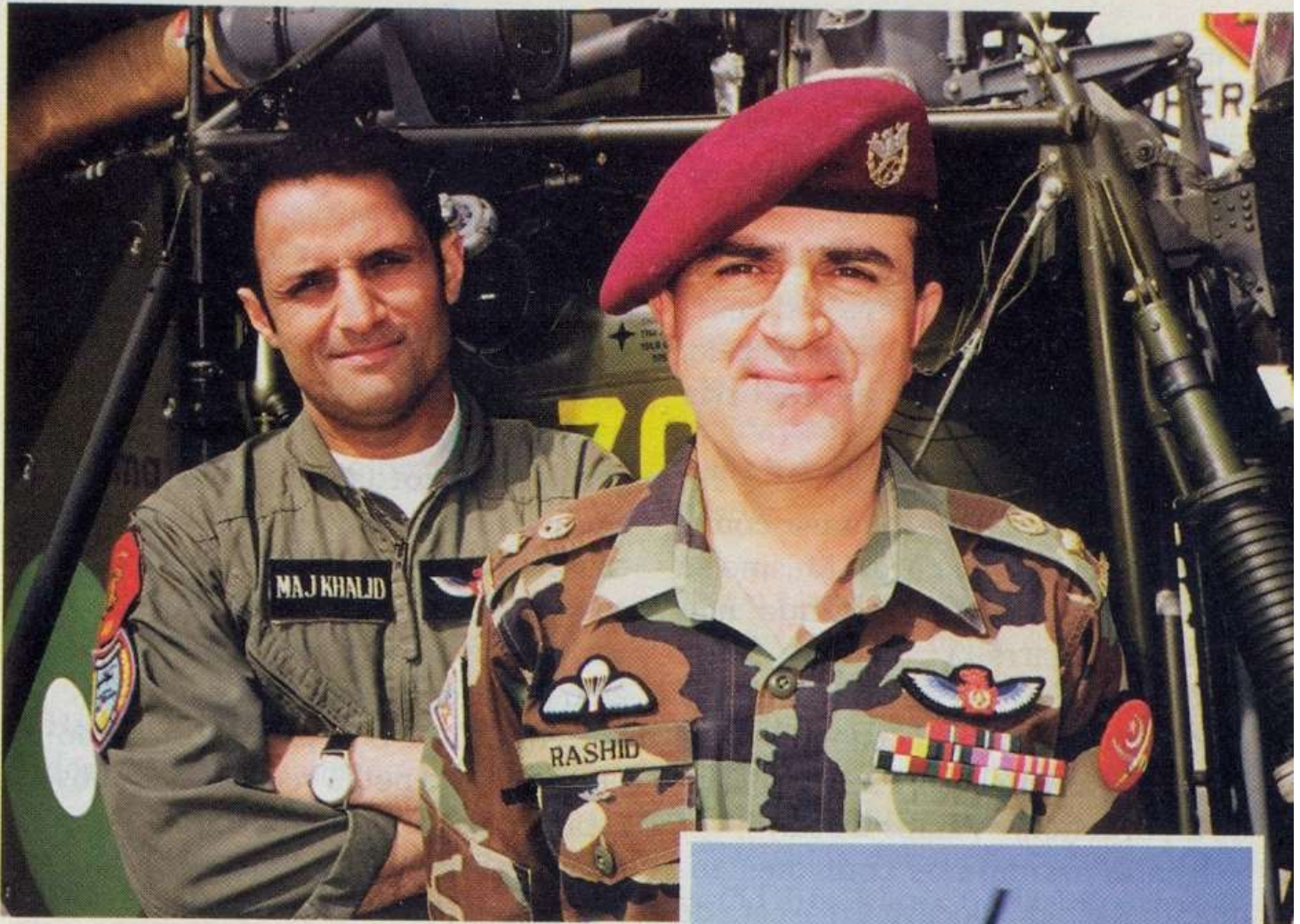
Muçulmanos devotos, os pilotos acreditavam que salvar uma vida significava salvar toda a humanidade. O resgate já não era mais uma missão militar: havia se transformado em algo pessoal, quase um ato sagrado.

E, em seguida, mal sabendo o que o havia impelido a fazê-lo, Rashid tocou no botão que ejetaria o cabo com o saco de pedras em caso de emergência. Ergueu as sobrancelhas, e Khalid assentiu com a cabeça. Então, Rashid puxou o interruptor, desligando o mecanismo. Se algo desse errado com o cabo, eles também morreriam. “Rezemos a Alá para que dê tudo certo”, disse Khalid.

NAQUELA NOITE, a temperatura na montanha caiu para 25° C negativos, congelando a roupa umedecida de Humar.

Sem dormir naquela noite, ele tomou uma decisão: se o resgate do dia seguinte falhasse, mesmo tendo certeza de que morreria ele começaria a descer. Ao raiar do dia, caiu em sono profundo e sonhou que ouvia um helicóptero. Acordou sobressaltado: *era um helicóptero!*

OS PILOTOS ACORDARAM cedo e o dia estava perfeito, com um céu de bri-



(Acima) Khalid Amir Rana e Rashid Ullah Baig sabiam que um resgate de helicóptero jamais havia sido feito em tamanha altitude; (à direita) Humar de volta ao solo em segurança.

gadeiro. Às 5h43, decolaram e seguiram em direção à minúscula figura no paredão gelado da montanha.

Para economizar energia, Rashid desligou o aquecimento da cabine. No frio extremo, as máscaras de oxigênio congelaram os óculos de proteção. “Vamos dividir uma máscara”, disse Rashid. “Você pilota enquanto eu inspiro o oxigênio, depois nós trocamos.”

Rashid circulou e voou 12 metros acima de Humar. Por um espelho na frente da cabine, viu o alpinista, com um agasalho vermelho, esticar a mão



com uma picareta. A corda não estava próxima dele.

Conforme Rashid se aproximava da face da montanha, sentia o vento suspender o helicóptero.

Ele estava certo: poderia manter a

mesma altitude usando menos força. Khalid calculou cuidadosamente a distância entre a hélice e o paredão. Com a neve respingando neles, gritou: “Isso, assim! Pare!”

O helicóptero desnivelou e balançou, mas Rashid manteve o Lama a centímetros da rocha coberta de gelo. Apesar do frio, o suor lhe escorria pelos olhos.

Olhando para o espelho, via o desespero de Humar que tentava, com a picareta, alcançar a corda. Mesmo se inclinando para fora da fenda, não conseguia agarrá-la.

Rashid percebeu que o frio estava embaçando o vidro da cabine e prejudicando a visibilidade. Sentindo falta de ar, ordenou: “Vamos trocar!”

Khalid assumiu os controles enquanto Rashid colocava a máscara de oxigênio. Respirando fundo, Rashid olhou para o visor.

Em condições normais de voo, era anormal pairar, ainda que por apenas dois minutos. Eles já estavam pairando havia oito! A visibilidade piorava cada vez mais. “Vamos recuar e trocar”, disse Rashid.

Assumindo os controles, moveu o helicóptero lentamente para o lado, afastando-o do paredão. A 20 metros de distância ele parou, mas o saco de pedras continuou a balançar como um pêndulo.

Ao balançar de novo, Rashid o moveu em direção à montanha. “Isso, assim!”, Khalid gritou. Rashid parou perigosamente próximo ao rochedo íngreme. O saco continuava a balançar, fora de controle.

N NA BORDA, a corrente de ar que descia das hélices produziu uma ventania de 60° C negativos. Humar tremia de frio e mal conseguia mexer os dedos congelados. Em desespero, viu o helicóptero se afastar. “Não! Não!”, gritou. Mas o helicóptero voltou.

O saco de pedras bateu na neve. Como a borda tremia, Humar agarrou o saco, abraçando-o com força. O grampo na corda amarrada ao seu equipamento estava emperrado por causa do gelo. Ele o levou à boca para aquecê-lo e rasgou a língua quando o abriu. Com o grampo aberto, conseguiu enganchá-lo no cabo.

Agora que estava preso ao cabo do helicóptero e podia ser içado, ambos estavam presos ao gelo. Tudo o que tinha a fazer era soltar-se de sua corda de segurança.

Humar fez sinal para que os pilotos o puxassem um pouco a fim de assegurar-se de que o grampo estava corretamente engatado. Uma vez seguro, iria se soltar da corda amarrada aos parafusos no gelo.

NO ESPELHO, Rashid viu o que parecia ser um sinal positivo de Humar.

– Acho que ele já se prendeu.

Khalid, agora pilotando, sentiu o peso nos controles.

– Ele conseguiu!

O motor rugia enquanto Khalid imprimia força máxima para cima.

HUMAR FOI PUXADO da fenda. A corda de segurança, firme como uma barra de ferro, interrompeu o resgate. Com as pernas balançando, o alpinista ficou

suspenso entre o helicóptero e o paredão de gelo.

Humar sabia que precisava cortar a corda que o prendia à montanha. Mas não conseguia segurar a faca, pois seus dedos ainda estavam congelados. Com o ar das hélices do rotor soprando em sua direção, ele a deixou cair.

O HELICÓPTERO estremeceu, num prenúncio de que o motor enguiçaria e os faria despencar.

– Não vai subir! – Khalid gritou.

O Lama então começou a afundar.

– Deus nos ajude! – Rashid rezou.

Os pilotos não podiam abandonar Humar, mesmo que quisessem: haviam desligado o mecanismo de liberação.

A instantes da catástrofe iminente, Rashid assumiu os controles e afastou o helicóptero para evitar que as hélices batessem no gelo. De repente, a corda que prendia Humar ao gelo se rompeu e, como uma corda de *buggie jump*, ela o arremessou ao céu.

Rashid sentiu os controles se estabilizarem. Não conseguindo ver Humar, Khalid gritou:

– Nós o derrubamos!

Os olhos de Rashid viram algo se movendo do lado de fora. Inacreditavelmente, era Humar.

– Ele está pendurado! – disse.

O helicóptero se afastou do paredão para evitar que o alpinista, que balançava como pêndulo, batesse nele.

Preocupados que Humar pudesse sofrer com a ventania gelada produzida pelas hélices, os pilotos executaram uma manobra de descida rápida, mas controlada. Dez minutos depois, o Lama pairava sobre o acampamento-base e baixava o alpinista suavemente no solo.

DESFALECIDO e aliviado, Humar viu o chão se aproximando.

Soluçando, tombou para a frente e mergulhou o rosto na grama. Seus salvadores rapidamente pousaram e correram para abraçá-lo.

“Deus lhe deu uma segunda vida”, Rashid disse para Humar. Depois, sorriu para Khalid: “E para nós também...”

Rashid e Khalid foram condecorados pelo presidente Musharraf. Dois meses depois, executaram missões de salvamento, quando um terremoto devastou o nordeste do Paquistão.

Humar voltou para a Eslovênia, onde se dedica a angariar recursos para construir um hospital destinado a vítimas de terremotos.

É SÓ FAZER FORÇA!

Lucas, filho da minha amiga Izabel, não se conforma em ser filho único e vive cobrando um irmãozinho. Um dia, assistindo à TV, ele viu um parto em que a atriz teve gêmeos. Muito chateado, disse para a mãe:

– Por que você não fez assim também? Se tivesse feito mais força, teria saído um irmãozinho comigo!

MARIA NILZA ARAÚJO, Itapetcinga (MG)